

Epistemologia feminista negra do barulho: A musicalidade negra e genderizada no hip-hop brasileiro¹

Steffane Pereira Santos (UFMG)

Palavras-chave: Hip-hop; Produção do conhecimento; Epistemologia feminista negra

Em construção

Hip hop e grifos

O hip-hop é uma expressão larga do atlântico negro (Gilroy, 2021) que se expande, reorganiza e se reproduz entre gerações. É conhecimento, pedagogia e movimento (Domingues, 2007; Dias, 2018). É a cultura negra em movimento em suas encruzilhadas (Martins, 1997) que emerge a partir das margens que se apresentam enquanto um espaço de abertura radical, conforme endossa bell hooks (2019). Incorpora elementos de existência de corpos negros na diáspora de sons, rimas, expressões visuais e corpóreas por todo globo. De certo, que em um país ladino amefricano (Gonzalez, 1988) como o Brasil não poderia ser diferente.

A arte é, antes de tudo, uma ferramenta revolucionária, ligada às lutas populares (Davis, 2017). Construindo pontes de agência e comunicação. O *rap* é combustível para jovens negres, é combustível diário para mim. Adentrar as angústias e afagos presentes naqueles versos é como sentir-me quase como se falassem diretamente comigo e estão efetivamente. Como em um dia estranho como este, em que escrevo este parágrafo e muitas coisas parecem ter perdido o sentido, eu me sinto reerguida e amparada, eu sei que eu posso e devo continuar a caminhar, ainda que às vezes pareça que não.

No Brasil, o hip-hop acompanhado de seu gênero musical *rap*, se difunde de maneira consolidada com o fim da ditadura militar, em meados da década de 1980, onde o país se encontrava assolado por crise social, econômica e política, em um contexto de privatizações, desemprego, crescimento demográfico nas periferias e principalmente perda das referências de partidos políticos e movimentos sociais, como traz o sociólogo Tiaraju D'Andrea (2017).

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

Os corpos que constituem a cultura hip-hop devem ser encarados e vistos em uma perspectiva interseccional: corpos negros, genderizados, marcados por sua sexualidade e classe. Há multi posicionalidades que compõem o hip-hop, suas transformações e caminhos. É preciso ver a cultura por lentes interseccionais (Crenshaw, 2004; Collins; Bilge, 2021).

Ainda pensando em intersecções, um grifo se faz necessário, nos sons e ritmos do atlântico negro (Silva, 2007), há confluências sonoras em referências musicais e vivências que não estão disscoadas. Rap, funk, reggae e mais recentemente grime, drill e trap se aproximam em base e execução. Larissa Amorim (2013) corrobora este ponto de vista ao traçar a trajetória do rap e do funk em Belo Horizonte, cidade de onde eu falo e onde o presente congresso ocorre. Mas esta é uma conversa para outra hora.

Mulheres negras e outros corpos genderizados constroem o movimento de formas diversas no país, estando localizados de norte a sul. Não poderia ser diferente quando temos uma mulher como sua precursora². Assim, no Brasil, somos atravessadas por grandes nomes de MC's e cantoras como Sharylaine, Negra Li, Dina Di, Mc Ellu, Karol Conká e mais contemporâneas como Tasha e Tracie, Duquesa, N.I.N.A, Iza Sabino, Clara Lima, Jup do Bairro, Mc Luanna, Julia Costa, Ebony, Lua Zanella, Inza Princess, Irmãs de Pau e tantas outras mulheres no grafite, na dança e na discotecagem. Há muito movimento e envolvimento produzido por mãos negras e mulheres nesta história.

História esta que produz conhecimento a partir das vivências no terceiro mundo. Coloca em xeque hegemonias epistemológicas que se propõem brancas, masculinas e ocidentalizadas. Se enunciam 'neutras' e universais, como se todo o saber não falasse de um corpo devidamente posicionado.

O hip-hop produz com seus entes, os corpos presentes, sua estética, sonoridade e *barulho*³, conhecimento contra colonial (Santos, 2019). Derruba hegemonias e manda avisar que por aqui tiramos água de pedra⁴. O hip-hop tem formas epistemológicas de validação do conhecimento. Isto é, enquanto movimento, o hip-hop dispõem de modo de visualizar o mundo que envolve caminhos de legitimação do que é válido sob o olhar dos membros que o constituem. Há uma epistemologia hip-hop, que coloca em xeque

² Me refiro aqui à Cindy Campbell.

³ Mais a frente será definido.

⁴ Trecho da música "Terceiro Mundo" [2020] de CESRV, Fleezus e Febem.

epistemologias dominantes ocidentais e ocidentalizadas, perpetradas por corpos cis brancos, masculinos de classes privilegiadas que enunciam a desqualificação de saberes posicionados (Carneiro, 2023). Epistemologia esta que para mim é também genderizada e a isto eu recorro ao que chamo de *epistemologia feminista negra do barulho*.

Epistemologia feminista negra do barulho

Nem tão somente *barulho*, mas suficientemente barulho. Embebo na comunicação em tela da epistemologia feminista negra da socióloga estadunidense Patricia Hill Collins (2019), que nomeia as formas de validação epistemológica de mulheres negras no contexto dos Estados Unidos de epistemologia feminista negra.

Os pilares fundamentais que sustentam a epistemologia feminista negra de Collins (2019): (1) A experiência como critério de significado; (2) O uso do diálogo na avaliação de reivindicação de conhecimento; (3) A ética do cuidar: presença das emoções nos diálogos e (4) A ética da responsabilidade pessoal. Esses pilares são mobilizados por mulheres negras estadunidenses enquanto caráter de validação epistemológica na vida cotidiana.⁵

Nesta direção mobilizo a epistemologia feminista negra aqui, pensando uma epistemologia feminista negra do barulho. Feminista pois é afirmativa no que tange o gênero e suas capilaridades e reivindicações.

O gênero, enquanto categoria social, é crucial para compreender e discutir porque falo de corpos genderizados. Nesse sentido, com o objetivo de demarcar o conceito de gênero, mobiliza-se as contribuições de Butler (2011). Com isso, a autora aborda sobre como o gênero é constituído por atos corporais específicos, fazendo com que o conceito passe por transformações culturais através de tais atos. O gênero é compreendido enquanto performativo, tendo em vista que não é determinado pela biologia, mas é construído e materializado através da própria prática, sendo uma representação que permeia as relações de poder (Scott, 1995). Interpelando assim

⁵ Ver: Collins, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

características que permeiam a humanização e punição de indivíduos, a depender de como estes correspondem, incorporam e performam questões de gênero:

Os gêneros, então, não podem ser verdadeiros nem falsos, reais ou aparentes. Além disso, somos forçados a viver em um mundo no qual os gêneros constituem significantes unívocos, no qual o gênero é estabilizado, polarizado, diferenciado e intratável. Assim, o gênero é feito em conformidade com um modelo de verdade e falsidade que não só contradiz a sua própria fluidez performativa, mas serve a uma política social de regulação e controle do gênero. Performar o gênero de modo inadequado desencadeia uma série de punições ao mesmo tempo óbvias e indiretas, e performá-lo bem proporciona uma sensação de garantia de que existe, afinal de contas, um essencialismo na identidade de gênero. Que um sentimento de angústia tome facilmente o lugar dessa garantia, e que a cultura castigue ou marginalize prontamente quem não consegue representar a ilusão de um gênero essencialista, deveria bastar como sinal de que, em algum nível, existe o conhecimento social de que a verdade ou a falsidade de gênero são apenas socialmente impostas, e de modo nenhum ontologicamente necessárias (Butler, 2011, p. 13-14).

Em continuidade, acredito se fazer redundante estabelecer porque se trata de uma epistemologia negra. Negra porque estamos defronte de uma cultura negra diaspórica, indubitavelmente. Do barulho, porque se trata de uma categoria ampla de rompimento com os silêncios mas não somente: uma perspectiva de tradução dos sentidos, sentimentos e angústias, que interpelam rimas, sonoridades, o movimento do corpo, as cores das ruas pelo grafite e principalmente: a experiência negra vivida.

A experiência é encarada no presente enquanto histórica e coletiva, permeando os corpos e mulheres negras em vivências comuns. Não se trata de enunciar que as experiências vividas por mulheres negras não dispõem de suas particularidades, mas uma sinalização que estas absorvem características aproximadas por, por vezes, orbitarem os mesmos espaços (Scott, 1995).

Neste sentido a epistemologia apresentada, busca dar conta das dinâmicas diversas que interpelam nossos corpo. ‘Nossos’, pois sou uma mulher cis negra, de origem periférica e bissexual. Sou forjada na cultura hip-hop e se sou antropóloga - ou tento ser - é porque a cultura hip-hop me atravessou e me movimenta todos os dias. Se me debruço academicamente sobre o hip-hop é porque existo por parte em resultado a esta cultura do movimento (Figueiredo, 2020). Enquanto uma antropóloga negra eu produzo a epistemologia feminista negra proposta por Collins (2019) em minha vida cotidiana.

O barulho é proposto enquanto uma categoria potencial e tecnológica que pretende caminhar a partir dos corpos inseridos no escopo do movimento hip-hop adentrando a epistemologia feminista negra que é conduzida a partir dos corpos negros e genderizados. Traduz signos e significados da existência diaspórica.

Ademais, não se trata de uma categoria estática, mas um caminho aproximado de nomear e entender o que se produz no cerne da cultura hip-hop. Esta perspectiva que proponho da epistemologia feminista negra do barulho, se adentra em um saber localizado (Haraway, 1995) que permeia as vivências e os modos de fazer na cultura hip-hop.

A partir do hip-hop corpos negros e genderizados tornam-se sujeitos do próprio discurso (Gonzalez, 1988), hackeando as formas hegemônicas de produção do conhecimento e traçando formas e pontes de autodefinição (Collins, 2019) para os corpos de mulheres negras.

A identidade é o ponto de partida do processo de autodefinição e esse processo aborda a forma de as mulheres negras compreenderem as suas vidas enquanto moldadas por opressões interseccionais. A autodefinição é um movimento de assumir nossa própria voz e nos atravessa como um mecanismo de resistência a tantas forças que querem nos reprimir. Na autodefinição passamos a nos compreender como indivíduos e a ressignificar processos de dor que nos impuseram. É um caminho continuado de rompimento com a nossa desumanização e objetificação enquanto outro. É uma alternativa para nossa autoafirmação e logo uma via de enfrentamento às opressões interseccionais (Collins, 2019).

Nesta direção a partir de políticas de autodefinição (Collins, 2019) produzidas a partir desta epistemologia que proponho, partindo do grafite, rimas, produção de sonoridade e danças urbanas a experiência vivida enuncia formas de validação e visualização do mundo.

Enuncia processos de reinvenção de si com rimas que narram suas vivências em quebradas brasileiras, suas afetividades, sua experiência cotidiana, desafios e corres de ocupar este corpo subalternizado; ritmos sonoros que mobilizam atabaques, berimbaus, tantãs; beats e bpm's; samples que se utilizam de referências negras que vieram antes de nós para mixagem; grafites que traduzem nossa existência e resumem de onde viemos e

para onde vamos; danças que nos fazem conectar com a ancestralidade a partir do movimento dos corpos. Há muitas formas e referências de sua expansão de perpetuação deste fazer - a partir deste fazer há um saber sendo conduzido pela epistemologia feminista negra do barulho.

Esta epistemologia se inscreve e se reproduz nos espaços materiais e imateriais da cultura hip-hop, quando realizados por corpos negros e genderizados, sejam batalhas de rimas, eventos de grafite e break, produções musicais, mobilização de *beats* e *samples*.

A *epistemologia feminista negra do barulho* é um tratado ancestral, aparato tecnológico que reorganiza os rumos dos sentidos que nos atravessam. Anuncia o conhecimento e a forma de validação do movimento a partir do hip-hop em uma perspectiva negra e genderizada. É reproduzida na vida cotidiana, no fazer e na existência desses corpos. A presente epistemologia está arraigada às batalhas de rima, músicas gravadas, sets de DJ's, bailes, eventos de grafite e projetos diversos. É por sua vez circular, nas diretrizes do que elabora Antônio Bispo dos Santos (2023).

É a partir então da cultura hip-hop que corpos negros e genderizados se tornam corpos-sujeitos, subvertendo formas hegemônicas de produzir o conhecimento e enunciado o fazer composto por um rosto e corpo, demarcado por sua experiência e posicionado (Scott, 1988; Haraway, 1995; Santos, 2023), Reverenciam modos alternativos da produção de saberes. A poesia não é um luxo, mas critério de sobrevivência (Lorde, 2019). A poesia é a base das rimas do *rap*, dos versos do *slam* e da premissa dos duelos. A poesia é uma ponte para existir. Vivenciar a cultura hip-hop é uma estratégia de sobrevivência e por isso, se faz epistemológica. Por vezes, não há saída cabíveis para se orbitar um corpo negro e mulher no mundo a não ser escolher resistir para sobreviver.

Referências Bibliográficas

Carneiro, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação junto à Área Filosofia da Educação). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

Crenshaw, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

Dias, Cristiane Correia. **Por uma pedagogia hip-hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018.

Domingues, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. 2007.

Figueiredo, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.

Gilroy, Paul; Joias trazidas da servidão: música negra e a política da autenticidade In. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora, v. 34, 2012.

Gonzalez, Lélia. A categoria política cultural de amefricanidade. (1988) In. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org.) Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Gonzalez, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. (1988) In. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org.) Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Haraway, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

hooks, bell. A margem como um espaço de abertura radical. In. **Anseios: Raça, gênero e políticas culturais**. Editora Elefante. São Paulo: 2019.

Lorde, Audre. A poesia não é um luxo. In. **Irmã Outsider: Ensaios e Conferências**. São Paulo: Editora Autêntica, 2019.

Martins, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo, Perspectiva. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1997.

Santos, Steffane. Epistemologia feminista negra mulheres negras como agentes insubmissas de (re)existência. **Revista Planície Científica**, v. 2, n. 4, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Scott, Joan. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, n. 16, fev. 1998.